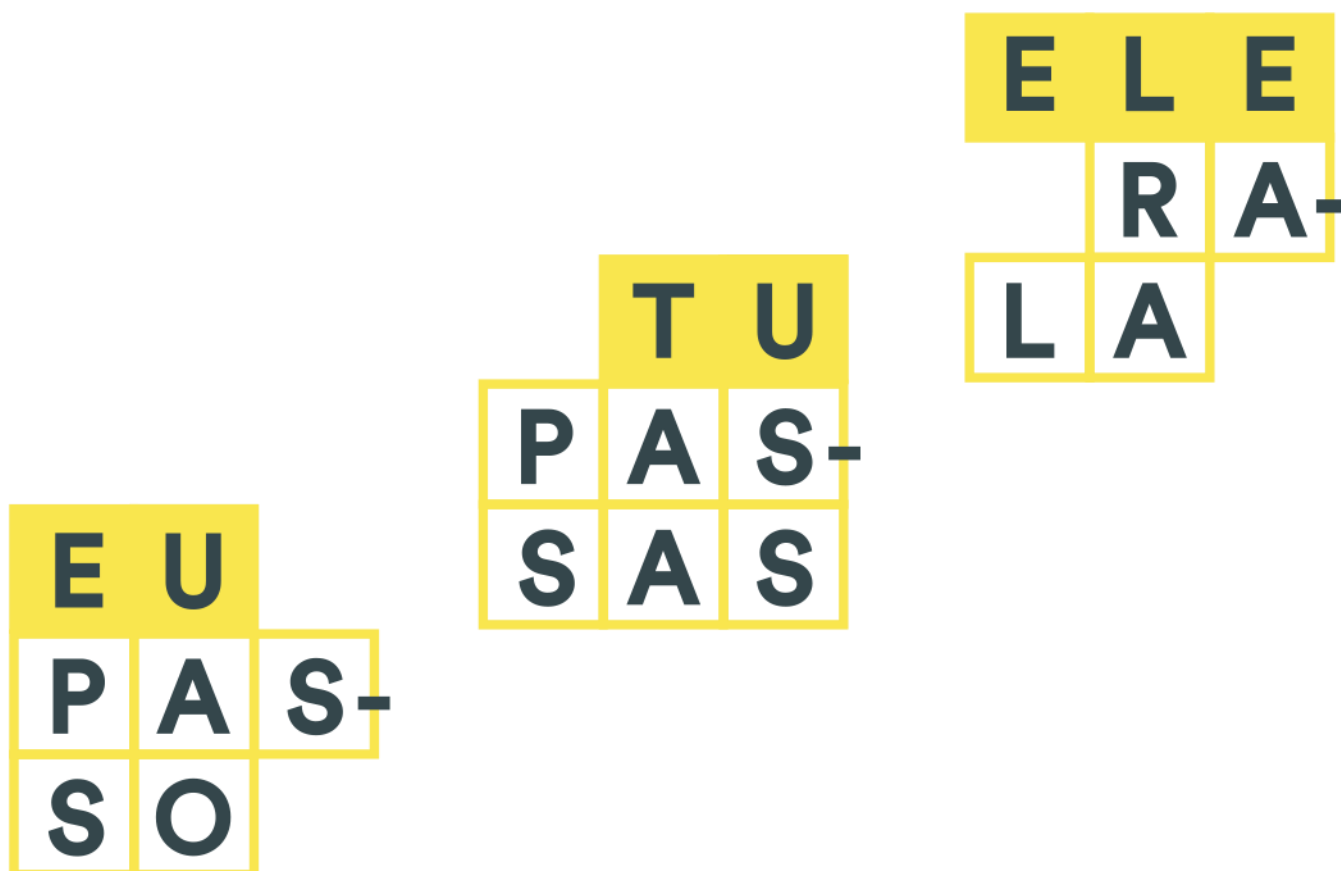


Romantismo - Prosa



Romantismo - Prosa

1. Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortalixa, quitandeira das praças de Lisboa, saloia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.)

1 algibebe: mascate, vendedor ambulante.

2 saloia: aldeã das imediações de Lisboa.

3 maganão: brincalhão, jovial, divertido.

No excerto, o narrador incorpora elementos da linguagem usada pela maioria das personagens da obra, como se verifica em:

- a) Aborrecera-se porém do negócio.
- b) De que o vemos empossado.
- c) Rechonchuda e bonitota.
- d) Envergonhada do gracejo.
- e) Amantes tão extremosos.

2. Vocês mulheres têm isso de comum com as flores, que umas são filhas da sombra e abrem com a noite, e outras são filhas da luz e carecem do Sol. Aurélia é como estas; nasceu para a riqueza. Quando admirava a sua formosura naquela salinha térrea de Santa Tereza, parecia-me que ela vivia ali exilada. Faltava o diadema, o trono, as galas, a multidão submissa; mas a rainha ali estava em todo o seu esplendor. Deus a destinara à opulência.

Do texto depreende-se que

- a) Romances românticos regionalistas, como *Senhora*, exaltam a beleza natural feminina.
- b) Os romances realistas de Aluísio Azevedo denunciam o artificialismo da beleza feminina.
- c) As obras modernistas têm, entre outros, o objetivo de criticar a submissão da mulher à riqueza material.
- d) A linguagem descritiva dos escritores naturalistas caracteriza a sensualidade e a espiritualidade da mulher.
- e) A personagem feminina foi caracterizada sob a perspectiva idealizadora típica dos autores românticos.

3. Assim, o amor se transformava tão completamente nessas organizações*, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

..... desejava; amava; adorava.

(*organizações = personalidades)

(José de Alencar, *O Guarani*)

Neste excerto de *O Guarani*, o narrador caracteriza os diferentes tipos de amor que três personagens masculinas do romance sentem por Ceci. Mantida a sequência, os trechos pontilhados serão preenchidos corretamente com os nomes de

- a) Álvaro / Peri / D. Diogo.
- b) Loredano / Álvaro / Peri.
- c) Loredano / Peri / D. Diogo.
- d) Álvaro / D. Diogo / Peri.
- e) Loredano / D. Diogo / Peri.

4. I - “..... o recebia cordialmente e o tratava como amigo; seu caráter nobre simpatizava com aquela natureza inculta.”

II – “Em, o índio fizera a mesma impressão que lhe causava sempre a presença de um homem daquela cor; lembrara-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha.”

III – “Quanto a, via em Peri um cão fiel que tinha um momento prestado um serviço à família, e a quem se pagava com um naco de pão.”

Nestes excertos, registram-se as reações de três personagens de *O Guarani* à presença de Peri, quando este começa a frequentar a casa de D. Antônio de Mariz.

Apenas seus nomes foram omitidos.

Mantida a ordem da sequência, essas três personagens são

- a) D. Antônio; Cecília; Isabel.
- b) Álvaro; Isabel; Cecília.
- c) D. Antônio; Isabel; D. Lauriana.
- d) D. Diogo; Cecília; D. Lauriana.
- e) D. Diogo; Isabel; Cecília.

5. A questão central, proposta no romance *Senhora*, de José de Alencar, é a do casamento. Considerando a obra como um todo, indique a alternativa que não condiz com o enredo do romance.

- a) O casamento é apresentado como uma transação comercial e, por isso, o romance estrutura-se em quatro partes: preço, quitação, posse, resgate.
- b) Aurélia Camargo, preterida por Fernando Seixas, compra-o e ele, contumaz caçador, sujeita-se ao constrangimento de uma união por interesse.
- c) O casamento é só de fachada e a união não se consuma, visto que resulta de acordo no qual as aparências sociais devem ser mantidas.
- d) A narrativa marca-se pelo choque entre o mundo do amor idealizado e o mundo da experiência degradante governado pelo dinheiro.
- e) O romance gira em torno de intrigas amorosas, de desigualdade econômica, mas, com final feliz, porque, nele, o amor tudo vence.

6. O romance é um gênero literário que veio a se desenvolver no século, retratando sobretudo; era muito comum publicar-se em partes, nos jornais, na forma de

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, pela ordem:

- a) XVII – a alta aristocracia – conto.
- b) XVIII – o mundo burguês – folhetim.
- c) XVIII – o mundo burguês – crônica.
- d) XIX – o mundo burguês – folhetim.
- e) XIX – a alta aristocracia – crônica.

7. “Ao autor.

Reuni as suas cartas e fiz um livro. Eis o destino que lhes dou; quanto ao título, não me foi difícil achar. O nome da moça, cujo perfil o senhor desenhou com tanto esmero, lembrou-me

o nome de um inseto. Lucíola é o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma? Deixem que raivem os moralistas. (...)

Novembro de 1861.

G.M.

Capítulo I

A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, a minha excessiva indulgência pelas criaturas infelizes, que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagância. (...) Quis responder-lhe imediatamente (...). Receei também que a palavra viva, rápida e impressionável não pudesse, como a pena calma e refletida, perscrutar os mistérios que desejava desvendar-lhe (...). Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigis; e cumpro o meu propósito mais cedo do que pensava.”

A partir da leitura dos fragmentos acima transcritos, e em relação ao romance *Lucíola*, de José de Alencar, assinale a afirmativa **INCORRETA**.

- a) As cartas mostram que o comportamento de Lúcia, possivelmente, não teria uma razão moralmente aceitável.
Portanto, Paulo fracassa em seu intento de convencer a senhora G.M. da nobreza moral das mulheres perdidas.
Ao final da narrativa, permanece a dúvida quanto à sinceridade de sentimentos da protagonista.
- b) A senhora, a quem se dirige o narrador, exige de Paulo uma “razão” para “excessiva indulgência” com que trata as “criaturas infelizes”. Paulo não lhe responde imediatamente, porque acredita no poder de persuasão da escrita para demonstrar uma tese romântica: a “pureza d'alma” da cortesã a quem amara.
- c) No início do relato, a senhora G.M. tinha uma opinião inflexível em relação aos “anjos decaídos”, reiterando a posição dos moralistas que circulavam na sociedade patriarcal do segundo império. Ao final da narrativa, esta personagem apresenta uma posição mais tolerante, valorizando a cortesão que se regenera.
- d) O narrador não tem uma visão limitada dos fatos; ao contrário, informa o leitor dos motivos que determinam o comportamento de Lúcia. Trata-se de uma obra fechada em torno de uma mensagem romântica, porém conservadora: a sublimação do desejo permite a elevação espiritual das mulheres perdidas.

8. Sobre *A Luneta Mágica*, de Joaquim Manoel de Macedo, em sua relação com as demais personagens, o narrador demonstra:

- a) A incapacidade de reconhecer os seus sentimentos.
- b) A persistência em não enganar e não ser enganado.
- c) A habilidade de compor uma autoimagem ingênua.
- d) O poder de controlar ações e pensamentos hipócritas.
- e) A coerência de seu caráter adverso às opiniões alheias.

9. Texto:

“O armênio começou a falar.

(...)

Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo.

O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida.

E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que veem ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.

Eis aí o que te ensinei na visão do mal.

Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou – Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és – Exemplo.

O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, veem sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura ardilosa, e veem por isso em todos e em tudo o bem – na prática do vício imerecido infortúnio, – no perseguido sempre um inocente, – no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.

E também esses têm no erro da sua inexperiência a sua cruel punição; porque cada dia e cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida.

Eis aí o que te ensinei na visão do bem.

Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou – Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és – Exemplo.

Escuta ainda, mancebo.

Na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.

Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas consequências de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram.

Ora exagerar é mentir.

Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens como os homens são.

A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas ideias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.

Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.

(...)

Mancebo! Para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.

Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.

Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”

(MACEDO, Joaquim Manoel de. *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 2001.)

Escreva V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma do trecho “Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.”

- () A visão exclusiva do bem e do mal é legítima.
- () A convicção de que o bem e o mal estão separados conduz ao erro
- () O mérito do homem está em saber julgar de forma imparcial o que vê.
 - a) F – V – V
 - b) F – F – V
 - c) F – F – F
 - d) V – F – F
 - e) V – F – F

10. IRACEMA

Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

(José de Alencar.)

Ao caracterizar Iracema, José de Alencar relaciona-a a elementos da natureza, pondo aquela em relação a esta em uma posição de

- a) Equilíbrio
- b) Dependência
- c) Complementaridade
- d) Vantagem

Vem que tem mais!

Leia a canção de Caetano Veloso abaixo e responda a questão que segue:



Caetano Veloso - Caetano Veloso (1968).

Soy Loco Por Ti, America
Soy loco por ti, América
Yo voy traer uma mujer playera
Que su nombre sea Marti
Que su nombre sea Marti...

Soy loco por ti de amores
Tenga como colores

La espuma blanca
De Latinoamérica
Y el cielo como bandera
Y el cielo como bandera...

Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores... (2x)

Sorriso de quase nuvem
Os rios, canções, o medo
O corpo cheio de estrelas
O corpo cheio de estrelas
Como se chama amante
Desse país sem nome
Esse tango, esse rancho
Esse povo, digam-me, arde
O fogo de conhece-la
O fogo de conhece-la...

Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores... (2x)

El nombre del hombre muerto
Ya no se puede decirlo, ¿quién sabe?
Antes que o dia arrebente
Antes que o dia arrebente...

El nombre del hombre muerto
Antes que a definitiva
Noite se espalhe em Latino américa
El nombre del hombre
Es Pueblo, el nombre
Del hombre es pueblo...

Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores... (2x)

Espero o manhã que cante

El nombre del hombre muerto
Não sejam palavras tristes
Soy loco por ti de amores
Um poema ainda existe
Com palmeiras, com trincheiras
Canções de guerra
Quem sabe canções do mar
Ai hasta de comover
Ai hasta de comover...

Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores... (2x)

Estou aqui de passagem
Sei que adiante
Um dia vou morrer
De susto, de bala ou vício
De susto, de bala ou vício...

Num precipício de luzes
Entre saudades, soluções
Eu vou morrer de bruços
Nos braços, nos olhos
Nos braços de uma mulher
Nos braços de uma mulher...

Mais apaixonado ainda
Dentro dos braços da camponesa
Guerrilheira, manequim, ai de mim
Nos braços de quem me queira
Nos braços de quem me queira...

Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores... (4x)

Na letra da música de Caetano Veloso acima, verificamos a personificação da América, como intertextualidade a essa personificação, podemos compará-la a que obra de José de Alencar?

a) Ubirajara.

-
- b) Lucíola.
 - c) Iracema.
 - d) O guarani.
 - e) Til.

Gabarito

1. C
2. A
3. B
4. C
5. C
6. B
7. A
8. C
9. A
10. D

Gabarito “Vem que tem mais”!

1. C

Comentário: O próprio nome da obra de José de Alencar, *Iracema*, é anagrama de “América” que, metonimicamente, representa o Brasil. Martim é representante da cultura colonizadora (Portugal). Herói, participa de várias lutas em defesa do seu povo, mas fica dividido entre sua cultura e a de Iracema. Iracema, caracterizada pela famosa frase “índia dos lábios de mel”, é admirada pela sua beleza e carrega consigo a castidade (assim como o Brasil era admirado por Portugal antes da colonização e é desbravado por este último). Após sua união com Martim, torna-se submissa a ele, tal qual o Brasil a Portugal após a colonização.